

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

A Vida Verdadeira de Domingos Xavier

ROMANCE



OBRAS DE LUANDINO VIEIRA

SETEMBRO, 2003

— LUANDA

Miúdo Zito entrou a correr no pequeno compartimento que servia de sala e, atravessando no quintal, viu o avô, ao fundo, junto às aduelas, a mijar. Parou, ofegante, e depois chamou:

— Vavô! Vem depressa. Tem preso!

Velho Petelo se virou e interrogou com os olhos pequenos, piscando na luz do sol da manhã coado nas folhas da mandioqueira:

— Menino disse tem preso? Viste com teus olhos?

Arrastando a perna esquerda e seguido por miúdo Zito, atravessou na sala e saiu para o areal vermelho. Rodearam na cubata de sô Miguel e, em frente, onde já se aglomeravam algumas mulheres com seus monas escondidos nos panos, viram o homem que fazia esforços para descer de uma carrinha, debaixo das pancadas de dois cipaios.

O preso era alto e magro, muito magro mesmo. E embora a cara estivesse inchada, tornando-lhe quase irreconhecível, toda gente via era ainda novo. Ao descer da carroçaria, caiu de frente no areal, e as mães chegando mais os filhos, murmuraram só:

— Aiuê!...

Levado na mão do neto, o velho rompera entre o povo e observava o homem preso, com seus olhos pequenitos concentrados, atentos a todos os pormenores da cena. Quando o levantaram, o inchaço na cara mais se acentuou, vermelho da areia agarrada no suor. E mesmo que os cipaios tivessem corrido logo-logo com o povo, curioso naquela hora da manhã, os vizinhos e vizinhas juravam depois que o homem vinha amarrado nos pés e nas mãos na mesma corda e que ainda — juramos mesmo! — a corda dava uma volta ao pescoço. Aiuê! Como ia andar assim? Miúdo Zito descrevia, imitando para vavô Petelo, o andar curvado do preso, a cabeça quase nos joelhos, dando passinhos pequenos a caminho da porta. E jurava mesmo pelo sangue de Cristo, os cipaios lhe bateram enquanto se não abriu a porta chapeada e lhe levaram para trás dos grandes muros.

No musseque a notícia correu com depressa, miúdo Zito transmitindo a mães e filhos, vizinhas comentando de porta em porta. Ninguém lhe conhecia, o pobre era muito alto e magro, ninguém lembrava aquela cara lá em cima. Vavô Petelo recolheu todos os pormenores, sempre cachimbando, e saiu depois com miúdo Zito na mão, arrastando sua perna esquerda, a calça dançando, motivo de troça da miudagem:

— Takudimoxi! Takudimox'ééé!

Verdade que tinha uma nádega só, faltava mesmo do lado esquerdo, passara em 1928: velho Petelo — naquele tempo Pedro Antunes, segundo-marinheiro da canhoeira — apanhara uma injeção para uma febre teimosa e o resultado era aquele. Bem que tinha refilado e lutado, mas nosso primeiro-tenente